



ID: 116043581

10-03-2025

Inês Chaíça

Um momento histórico, um virar de página. Quando, na quinta-feira, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou que queria investir 800 mil milhões de euros em defesa nos próximos quatro anos, descreveu-o como um momento em que "se escreve História".

Um sinal de que a União Europeia, que nasceu como um projecto de paz e cooperação, também se prepara para a guerra. Os últimos anos mostraram que esta é cada vez mais uma preocupação dos países europeus: há pelo menos dez anos que a Europa está, de forma lenta, mas confiante, a aumentar os gastos com defesa.

Entre 2014 e 2024, os países europeus mais do que duplicaram os seus gastos com defesa, passando de 147 mil milhões de euros para 326 mil milhões, de acordo com os dados do site de análise económica Finbold. A percentagem do produto interno bruto (PIB) aplicado na defesa aumentou, nesse período, de 1,3% para 1,9%.

Não é um exclusivo europeu. Na verdade, mostra o relatório Military Balance do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS, na sigla inglesa), os gastos com defesa aumentaram em todo o mundo, mas foram mais expressivos nos países da Ásia e Europa. A China, por exemplo, é o país que mais gasta no seu continente: em 2024, as suas despesas com defesa cresceram 7,4% em termos reais, bem acima da média regional de 3,9%.

Em dez anos, o seu orçamento de defesa aumentou 75% - e é para continuar. Ainda na última semana, o primeiro-ministro Li Qiang anunciou que a despesa com a defesa iria aumentar 7,2%.

Da Rússia, a habitual opacidade. Os números oficiais mostram que, entre 2023 e 2024, as despesas russas com defesa aumentaram 41,9%, para cerca de 134,7 mil milhões de euros, de acordo com o IISS. Em dez anos, o orçamento de defesa da Rússia terá aumentado 102% - mas estes dados podem não contar a história toda, alertam os analistas, uma vez que os números reais podem ser mais altos do que os oficialmente reportados.

Com ou sem guerra dentro das suas fronteiras, todos sentem que o vento mudou; quem pode, prepara-se.

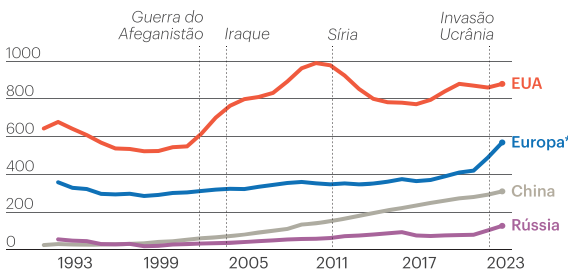
O que a Crimeia mudou

Há um antes e depois da Crimeia no que toca ao investimento em defesa na Europa. Antes de 2014, mostram os números, gastava-se cada vez menos em defesa. Estava cada um por si e isso, em parte, é explicado pelos cortes orçamentais motivados pela crise de 2008. Só entre 2008 e 2014, os gastos com defesa dos Estados-membros caíram 7,55%.

Que exército tem a Europa? Mais soldados que os EUA, menos porta-aviões e quase metade dos gastos

Grandes potências aumentam gastos militares

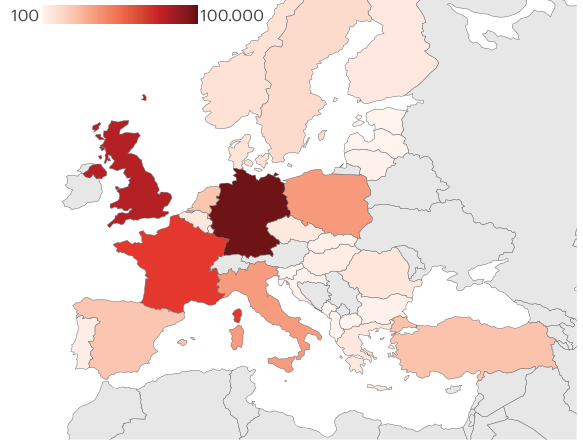
Dados em milhares de milhões de dólares a preços constantes



Gastos em defesa nos países NATO

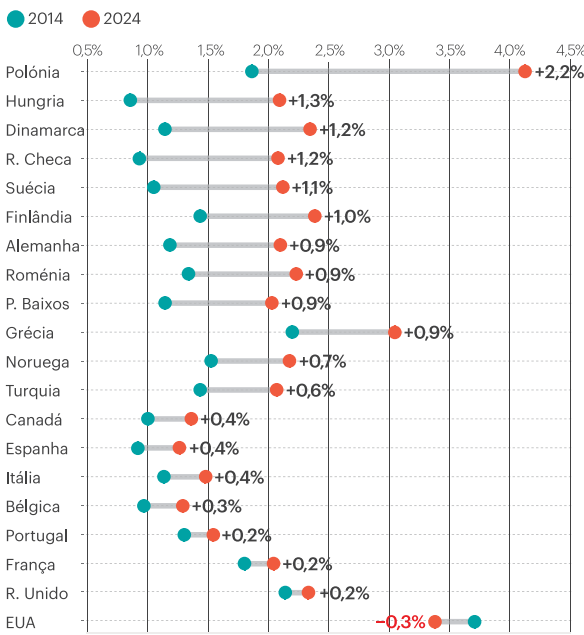
Despesa total, em milhões de euros

Alemanha, Reino Unido e França são responsáveis por metade dos gastos da Europa em defesa...



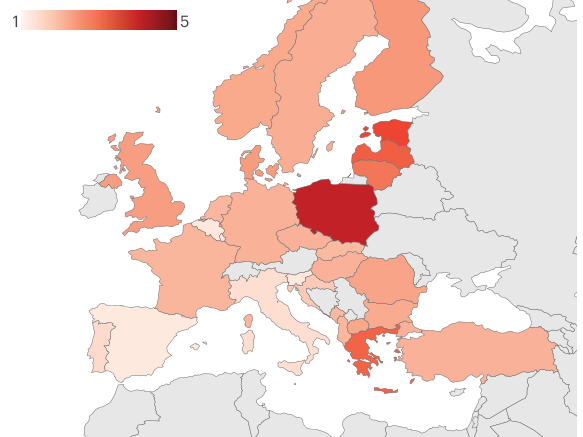
Evolução dos gastos em defesa nos países NATO

Comparação 2014-2024 da % do PIB consignado à defesa nos 20 países com maior orçamento



Em % do PIB

... ainda que o maior esforço financeiro esteja nos países de Leste



\*A Europa inclui a UE-27, Reino Unido, Turquia, Noruega, Albânia, Bósnia-Herzegovina, Islândia, Macedónia do Norte, Montenegro, Sérvia e Suíça

Fonte: Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, NATO e El País

Europa reforça defesa e duplica gastos em dez anos

Os gastos com defesa aumentaram em praticamente todo o mundo na última década. Numa Europa de olhos postos na Rússia, em dez anos, mais do que duplicaram

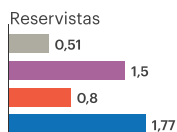
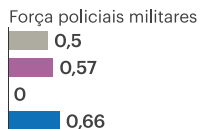
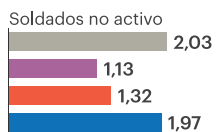
ID: 116043581

10-03-2025

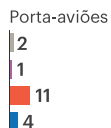
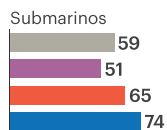
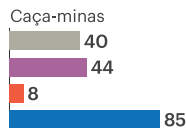
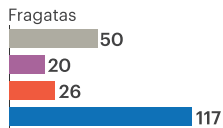
**Europa, EUA, Rússia e China: as tropas e os meios em detalhe**

China Rússia EUA Europa\*

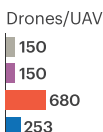
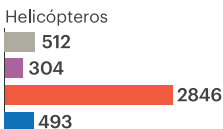
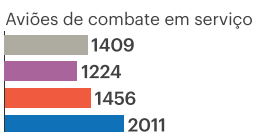
**PESSOAL MILITAR**  
Dados em milhões



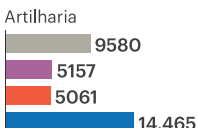
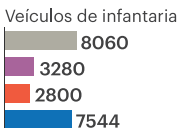
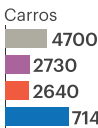
**EQUIPAMENTOS NAVAIS**



**EQUIPAMENTOS AÉREOS**



**EQUIPAMENTOS TERRESTRES**



Quando a Rússia conquistou e anexou a província ucraniana da Crimeia, isso mudou.

Da NATO, surgiu um acordo em que os parceiros se comprometiam a gastar pelo menos 2% do seu PIB em defesa. Alguns países começaram a preparar-se para o pior. Foi o caso da Polónia, que, desde então, mais do que duplicou os gastos com defesa.

Foi um momento crucial, “um exercício de realismo face às ambições russas nas suas fronteiras a Leste”, descreve ao PÚBLICO Pedro Seabra, professor e vice-director do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE. “Foi o suficiente para, pelo menos, espoletar uma avaliação do que faltava, do que a maioria dos paí-

ses europeus não tinha” e começar a “suplantar algumas necessidades”, descreve.

Se a Crimeia começou a mudar o discurso, a invasão em larga escala da Ucrânia, que começou em 2022, mudou os actos. Era urgente agir e os europeus fizeram-no – gastaram mais de 240 mil milhões em defesa, o equivalente a 1,5% do PIB. Nos últimos três anos, os orçamentos europeus para a defesa aumentaram 35,83% – “um número comparável ao aumento dos EUA desde 2014”, lê-se no *site* Finbold.

A Europa está de olhos postos na Rússia e, do Leste, retribui-se a mirrada. Na sexta-feira, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, avisou: “A União

Europeia está agora a discutir activamente a sua militarização e especificamente a desenvolver o sector da defesa. Este é um processo que estamos a observar de perto, porque a União Europeia apresenta a Rússia como o seu maior adversário.”

**Novos ventos dos EUA**

Também as sete primeiras semanas do segundo mandato de Donald Trump fizeram acelerar o passo da Europa no que toca à defesa.

Primeiro, aproximou-se de Moscovo, com o objectivo, já assumido, de dar um fim rápido à guerra na Ucrânia. E, para isso, usou as armas ao seu dispor. Em conjunto com o seu vice, J.D. Vance, Donald Trump repreendeu publicamente Volodymyr Zelensky na Sala Oval, dizendo-lhe que era “uma falta de respeito” não querer um cessar-fogo a todo o custo com a Rússia e acusando-o de não agradecer o apoio prestado pelos EUA. Depois, anunciou que iria suspender a ajuda militar à Ucrânia – que, até ao fim de 2024, se cifrava em 114 mil milhões de euros, menos do que as ajudas europeias de 132 mil milhões, de acordo com o Instituto Kiel para a Economia Mundial.

Agora, coloca em cima da mesa uma mudança na participação norte-americana na NATO. Sempre crítico dos países que não cumpriam com a meta acordada de aplicar 2% do PIB em defesa (os EUA usaram 3,3% do seu PIB em 2024, o equivalente a 893 mil milhões de euros), Donald Trump afirma que “se não pagam, não os vou defender”.

“Estamos a ser confrontados com um conjunto de posicionamentos que achávamos que ficariam reservados a um foro privado e que não passariam desta forma para a praça pública”, analisa Pedro Seabra. São “sinais”, afirma, que minam “alguns dos pressupostos sobre os quais as nossas relações de parceria e garantias de segurança estavam assentes”, mas, na sua opinião, não os destroem. São apenas “motivo para repensar algumas decisões e considerar se podemos fazer algo de diferente”.

E a Europa mostra que consegue, com Von der Leyen a anunciar que vai mobilizar orçamentos nacionais, fundos comunitários e mercados de capitais para arrecadar 800 mil milhões de euros para investir em defesa nos próximos quatro anos – a maioria dos orçamentos nacionais e 150 mil milhões de dívida comum. Tudo num tempo recorde.

“A União Europeia foi construída para o tempo de paz”, disse Nathalie Tocci, directora do Instituto Affari Internazionali?, ao *Washington Post*. “Não havia necessidade de destreza, mas antes de esta espécie de construção, lenta e cuidadosa, de interesses comuns e identidades.” Isso mudou, acredita. E fala num cenário em que os EUA “não podem ser persuadidos a serem simpáticos connosco ou sequer a ignorar-nos; um em →

**Novo bastião militar**

**Em dois anos, Polónia entrou no top-15 dos países que mais gastam**

Inês Chaíça

Todos os anos a Polónia gasta um bocadinho mais em defesa. Na última década, o orçamento para a defesa polaco cresceu 280,95%. Em 2022, era o 20.º país que mais gastava neste sector; em 2024 era o 15.º. Gastou cerca de 37 mil milhões de euros, o equivalente a 4,1% do seu PIB.

Também é um destaque na NATO: é o país que maior percentagem do PIB reserva para defesa, ultrapassando os 3,38% dos EUA em 2024. Não só cumpre o objectivo de 2% como o excede – e prepara-se para fazê-lo novamente, em 2025, com a sua vontade já expressa de chegar aos 4,7%. Para o primeiro-ministro, Donald Tusk, é uma “necessidade”.

É um assunto tão relevante para a Polónia que o seu Presidente, Andrzej Duda, quer fazer uma alteração à Constituição que torna obrigatório que o país gaste cerca de 4% do PIB em defesa.

De acordo com o Wilson Center, um fórum de reflexão e investigação, a Polónia tem actualmente infra-estruturas de defesa modernas e “não conta apenas com a NATO para protecção, mas, ao acolher as forças da NATO, garante que não enfrenta ameaças sozinha”.

É uma prioridade clara. Além de querer fornecer meios à Ucrânia, a Polónia quer garantir a sua própria segurança, “perante a ameaça que vê nas suas fronteiras”, descreve o professor e vice-director do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE, Pedro Seabra, ao PÚBLICO. Por isso arma-se e não olha à proveniência:

tanto chegam armas dos EUA, como da Coreia do Sul ou até de dentro da própria Europa.

Obviamente, a proximidade geográfica à Rússia explica este afã. “Não são fronteiras internacionalmente reconhecidas e legitimadas que impedem que um tanque russo as atravesse e possa causar problemas à própria existência do Estado polaco”, afirma o professor.

Também os estados Bálticos são dos que mais investem em defesa – e a razão é quase a mesma.

A Letónia investiu, de acordo com os dados do Instituto Internacional de Estudos para a Paz de Estocolmo (SIPRI), 3,15% do seu PIB em defesa (um salto face a 2014, quando lhe dedicava apenas 0,94%). A Estónia investiu 3,43% (contra 1,93% em 2014). E também a Lituânia anunciou no início do ano que queria aumentar a percentagem do PIB que destina à defesa, de 5% para 6%, devido à ameaça russa. “A possibilidade de uma agressão militar russa é real, mas não iminente”, justificava o Presidente Gitanas Nausėda na altura.

Além de geograficamente expostos, estes países têm ainda “a memória histórica”. “Têm memória de estar sob o jugo soviético, ainda têm de lidar com comunidades russófonas no seu contexto, e tudo isto contribui para um certo realismo face ao seu futuro no curto e médio prazo”, justifica Pedro Seabra.

“Estamos a falar de países que conhecem o seu vizinho russo, e que podem alegar que têm maior conhecimento de causa sobre até que ponto podemos confiar ou desconfiar de determinadas posições ou declarações.”



A Polónia destina hoje 4,1% do seu PIB para o sector da defesa

ID: 116043581

10-03-2025

que os EUA estão lá para nos minar”.

### Uma resposta “coesa”

Face à instabilidade norte-americana, a Europa procura um novo “líder para o mundo livre”. Há quem se chegue à frente – França e Reino Unido têm liderado os esforços de uma resposta unificada, convocando cimeiras de líderes ou sugerindo propostas de acordos de paz para a Ucrânia, com garantias de segurança que incluem “botas em terra e aviões no ar”, como colocou o primeiro-ministro britânico Keir Starmer – amanhã, os chefes do Estado-Maior das Forças Armadas de vários países europeus reúnem-se em Paris para discutir a paz futura na Ucrânia.

De França – que é uma das maiores gastadoras do mundo em defesa, com um orçamento, em 2024, de 47,2 mil milhões de euros – chega também a possibilidade (ainda a discutir) de recorrer ao seu arsenal nuclear como elemento dissuasor para garantir a protecção dos aliados europeus. Emmanuel Macron justifica-o com a entrada “numa nova era”: “A inocência dos últimos 30 anos, desde a queda do Muro de Berlim, chegou ao fim.”

Ainda que o arsenal francês seja “relativamente reduzido”, a dissuasão não “funciona apenas pela quantidade”, lembra Pedro Seabra. O mais importante é que se trata de “um contributo nacional” que “pode dar um sinal político daquilo que pode ser feito quando outros parceiros venham a pensar em retrair-se ou retroceder”.

Também a Alemanha – que já é dos países que mais gasta em defesa, com um orçamento de 51,95 mil milhões de euros em 2024 – se prepara para rever o “travão” da dívida para agilizar o processo de rearmamento: “Temos de garantir que, a longo prazo, os países gastam tanto na defesa quanto o que eles, os seus aliados e amigos acham bem”, justificou o (ainda) chanceler alemão Olaf Scholz.

Da Europa chega vontade, mas que pode não se traduzir em ajuda rápida. A produção de armamento “leva anos, não meses”, alerta o IISS, e não acompanhou o aumento da procura. As empresas de armamento de todo o mundo não estão a conseguir dar resposta; os conglomerados europeus “não têm a escala que imagináramos necessária ou desejável neste momento”, nem os “apoios ou capacidade de alavancar recursos”, analisa Pedro Seabra. Alguns objectivos podem ser concretizados em dois ou três anos, mas, “na maioria, estamos a falar de grandes investimentos até ao final desta década e para além dela”.

Mas, mesmo com a demora, “estes anúncios e intenções, esta unidade e coesão em torno de objectivos valem por si mesmas enquanto sinais políticos”, afirma o académico. “Não é por não acontecerem imediatamente que não têm a devida importância.”

### Esforço de guerra

# NATO capacita europeus para “defesa coletiva”

**António Paulo Duarte** Países europeus têm um histórico de cooperação que apenas precisa de ser coordenado

### Entrevista

**João Pedro Pincha**

**P**rofessor da Academia Militar e da Universidade Nova de Lisboa, especialista nas áreas de Estratégia e História Militar, António Paulo Duarte considera que a maior desvantagem europeia face aos Estados Unidos não é de material de guerra propriamente dito.

**Estamos num ponto em que os Estados Unidos mudaram a sua postura face à guerra na Ucrânia, suspendendo o envio de ajuda militar. Isto terá reflexos concretos no campo de batalha a curto prazo?**

Sim, terá reflexos. Os americanos são um actor fundamental. Os europeus são um complemento. Não é a questão do material propriamente dito – os carros de combate, os aviões, etc. Os americanos fornecem componentes fundamentais da guerra moderna como reconhecimento, capacidade de ler o adversário a muita longa distância, capacidade de detectar os movimentos do adversário, capacidade de ver para lá da colina, no sentido mais lato do termo.

Fornecem comunicações, fornecem informações. Esses elementos são centrais na guerra. Ora, se os americanos deixam de partilhar informação com os ucranianos, há aí uma quebra brutal de capacidade de combate. Não é que os ucranianos não possam combater. Podem, obviamente, continuar a combater e pode-se combater com poucos meios. Mas é evidente que há uma desvantagem e os custos humanos aumentam consideravelmente.

**E não há ninguém capaz de fornecer o mesmo nível de informações?**

Não tenho 100% de certeza, mas eu acho que só há três países no mundo que têm capacidades destas. Os Estados Unidos, a Rússia

e a China. França talvez tenha alguma capacidade, mas a maioria dos países europeus depende completamente dos americanos.

Esse é que é o problema central. Nós temos carros de combate, nós temos aviões de combate, nós temos artilharia de campanha, temos até algum material mais sofisticado que o dos americanos. Por exemplo, os obuses alemães, que foram enviados para a Ucrânia, ou franceses, são superiores tecnologicamente e com melhores capacidades de alcance que os obuses americanos.

Mas não temos essa capacidade [de informações], que me parece fundamental para dar uma mais-valia. Um míssil como o ATACMS pode ser disparado como foguete. Só que a hipótese de atingir o alvo diminui 100% ou quase. A maior desvantagem europeia face aos americanos não é tanto o nível de material de guerra propriamente dito, é esta capacidade de recolha [de informações].

**Esta estratégia americana parece fazer parte de um esforço para que a Ucrânia assinasse o acordo de minerais e o cessar-fogo.**

Nós temos uma leitura muito europeia da nossa realidade. E os americanos têm uma leitura muito mais abrangente. Para nós, a Rússia é uma espécie de ameaça existencial. Mas, para os americanos, a Rússia não é um actor ameaçador, é um actor menor. Para eles, a China é muito mais importante, é um actor existencialmente perigosíssimo. O que Trump quer é, provavelmente, criar uma nova condição estratégica para responder à China.

**Resolver rapidamente este problema que para ele é menor para se dedicar a questões mais prementes.**

Exactamente. Eu diria que a questão fundamental que está aqui é uma releitura da geopolítica americana que implica dar menos valor à Europa e mais valor a outros actores.



### Europa prepara-se para o cada vez maior afastamento dos EUA



**Em defesa, primeiro pensa-se e depois age-se. E eu acho que a Europa está a fazer o contrário**

**António Paulo Duarte**  
Professor da Academia Militar e Universidade Nova de Lisboa



Sendo que, na minha opinião, para os norte-americanos, a questão chinesa não é resolúvel no modelo da NATO. Porque verdadeiramente não há na Ásia, como acontecia na Europa, um conjunto de actores que permitam ser um activo importante para os americanos poderem ter apoios adicionais contra a China. Ou seja, enquanto a Europa e os Estados Unidos se completavam e reforçavam mutuamente em termos de capacidades durante a Guerra Fria, isso não acontece [na Ásia].

A Europa prometia apoiar os americanos numa guerra com a China, mas a Europa não consegue proteger-se da Rússia. Como é que vai fazer uma intervenção [na China]? Não tem lógica. A Europa torna-se um peso morto. Para a nova administração americana, é um peso morto.

**Havia uma promessa europeia de alocar meios militares no Indo-Pacífico, mas agora a Europa pode sentir-se desobrigada disso.**

Eu não vejo que a Europa possa fazer alguma coisa de verdadeiramente relevante no Indo-Pacífico, para além de dar algum apoio moral. Porque, na verdade, as nossas capacidades são muito reduzidas.

O que Trump pretende é que nós tratemos dos nossos próprios problemas. E isso pode ser perfeitamente conseguido. A Europa parte é muito de trás. Já devia ter feito isso há muito mais tempo e não fez.

**Há como que um despertar muito violento?**

Sim, e muito caótico e confuso.

ID: 116043581

10-03-2025



**Assumindo, portanto, que há países a diferentes velocidades?** A NATO já apoiava durante a Guerra Fria os países com menos capacidades. Portanto, pode-se perfeitamente fazer a mesma coisa. Portugal, por exemplo, nos anos 1950, foi fortemente equipado com navios de guerra anti-submarina, porque era fundamental para apoiar a NATO.

A experiência da NATO dá imensa capacidade de organizar uma defesa colectiva dentro dos países e, portanto, parece-me um bocado absurdo que os europeus não aproveitem essa dimensão. **Mas, no quadro da NATO, há agora provavelmente uma desconfiança europeia em relação aos Estados Unidos, que talvez motive esse atabalhoamento?**

Em defesa, primeiro pensa-se e depois age-se. E eu acho que a Europa está a fazer o contrário. Está a agir atabalhoadamente, a toda a pressa, em vez de pensar o que é que tem de fazer. Até na questão da Ucrânia. Tendo em conta que as circunstâncias estratégicas desfavorecem a Ucrânia neste momento, será preciso pensar qual é o objectivo fundamental que os europeus querem preservar da Ucrânia, porque, garantidamente, não vão conseguir preservar tudo.

E, portanto, se calhar é mais útil garantir que os territórios ucranianos que não estão ocupados sejam independentes face à Rússia do que estar preocupado em tentar garantir a soberania total do território, quando isso é quase inviável neste momento.

E, se calhar, preservar alguma capacidade de margem de manobra do Governo ucraniano para poder manter uma postura de independência face à Rússia, com apoio europeu, mesmo que esse apoio não seja um apoio de integração da União Europeia. **Haverá aqui também países a tentar garantir a dianteira na corrida diplomática.**

A teoria política diz que os actores individuais não são figuras de menor peso. A perspectiva individual, a perspectiva nacional, a perspectiva individual dos líderes, tudo afecta a estratégia global.

Eu acho que quem devia liderar este processo era a Comissão. Ursula von der Leyen, com a criação de um Alto Representante para a Ucrânia, ou até um reforço, mesmo que seja meramente indicativo, da Alta Representante para a Política Externa. Nós estamos a pagar o preço do que se passou em 2009, com a crise financeira. Na altura, a Europa resolveu que era 'cada um por si'. Agora estamos a pagar o mesmo preço. Só que uma coisa é o dinheiro, que ainda se vai arranjando. A defesa é mais complicada.

## A Europa e as armas

### Comentário



Jorge Almeida Fernandes

**A**prendemos nos últimos tempos que a Europa se deve preparar para o "piores cenário possível", em que a arquitectura da segurança europeia poderá ser completamente redefinida. E percebemos, também, que a segurança europeia está estreitamente ligada ao desfecho da guerra na Ucrânia. A súbita determinação dos líderes ao lançar a campanha do rearmamento resulta da combinação de dois factores, que podemos resumir em dois nomes: Vladimir Putin e Donald Trump.

Há longos anos que os dirigentes europeus têm consciência da nossa vulnerabilidade estratégica. Houve muita retórica e poucos actos, apesar de um relativo aumento dos orçamentos de defesa nos últimos anos. O rearmamento surge agora não como uma necessidade lógica, mas como imperativo de sobrevivência.

Os Estados Unidos põem em causa o seu compromisso perante a defesa da Europa e dão a entender que poderão abandonar Kiev à sua sorte. O problema não é apenas Trump. Reflecte uma mudança profunda no pensamento estratégico americano. Esta "ruptura histórica" levou os europeus a reinterpretar a guerra na Ucrânia e a perceber a incómoda realidade: ela é, afinal, uma guerra contra a União Europeia, que Moscovo encara hoje como inimigo principal, ou seja, o maior obstáculo às suas ambições imperiais.

O projecto de Putin não se esgota em Kiev. Escreveu há dias o analista Fiodor Lukianov, próximo do Kremlin e director da revista *Russia in Global Affairs*: "Quando Vladimir Putin lançou a operação militar especial, em Fevereiro de 2022, tornou claro que o conflito não era apenas sobre a Ucrânia. Era sobre a luta global contra o 'chamado Bloco Ocidental', construído à imagem dos Estados Unidos. (...) Três anos depois, a natureza desta ordem ocidental tornou-se central para o desfecho do conflito." Refere-se à ruptura euro-americana que abriria novas e grandes perspectivas aos desígnios de Moscovo.

"Porque não criar uma coligação militar entre nós e os EUA e partilharmos a Europa?", interroga-se na televisão russa o famoso propagandista televisivo

Vladimir Soloviov. Claro que é mera propaganda, mas importa escutar o que as televisões martelam nos ouvidos da "Rússia profunda". Uma derrota da Ucrânia fará subir o tom das intimidações e a "guerra híbrida" que Moscovo há muito pratica contra a UE, e lançaria uma onda de pânico nos seus vizinhos da NATO, particularmente nos países bálticos, ou na pequena Moldávia. Eles têm legítimas dúvidas sobre as garantias do artigo V do Tratado do Atlântico Norte. Há muito que a Polónia assumiu uma posição de vanguarda neste terreno.

Putin continua a sonhar com o regresso a um mundo de esferas de influência, para recuperar o poder perdido com a dissolução do império soviético. Tem um objectivo claro: afastar a América da Europa e a UE do espaço pós-soviético, "legalizando" a influência de Moscovo sobre a Europa Central e Oriental.

A segurança europeia está, de facto, ligada ao desfecho da guerra na Ucrânia. Após a invasão de 2022, a generalidade dos europeus foi levada a encarar-la como um conflito que dizia respeito à Ucrânia. A opinião pública europeia sempre manifestou a sua solidariedade com Kiev. Mas, esquecendo os precedentes da Geórgia em 2008 e da primeira agressão à Ucrânia em 2014, subestimaram a ameaça à própria Europa. De resto, apesar dos manifestos sinais de distanciamiento, permanecia a confiança no "guarda-chuva"

americano. Apenas uma minoria percebeu imediatamente que a invasão se inseria num conflito sobre a Europa, entre a Rússia de Putin e a União Europeia.

### "A Europa pode morrer"

Emmanuel Macron proclamou em 2017, ano da sua primeira eleição: "A Europa está em perigo." Não reuniu o consenso europeu. Em 2024, no discurso na Sorbonne, relembrou que "mudaram as regras do jogo" e que, para os Estados Unidos, a questão europeia deixara de ser a prioridade geopolítica. No plano da segurança, a Europa deveria enfrentar o desafio do rearmamento.

"Devemos ser lúcidos sobre o facto de que, hoje, a nossa Europa é mortal. Pode morrer. Ela pode morrer e isso depende unicamente das nossas escolhas. Mas estas escolhas têm de ser feitas já."

Foi necessária a reeleição de Trump para a UE, ao lado da Grã-Bretanha, se lançar numa corrida urgente, mas que demorará alguns anos até ser plenamente operacional. Por isso, a Europa continuará a precisar da ajuda americana na fase de transição. Seria um erro grave interromper o diálogo, por difícil que seja. E teríamos de continuar a comprar aos EUA as armas que ainda não produzimos.

Deixo para o fim o mais difícil: a opinião pública. A cena do confronto entre Trump, Vance e Zelensky na Sala Oval da Casa Branca terá convencido os europeus de que "têm de contar consigo próprios". Cabe aos governantes e elites dirigentes explicar aos cidadãos o que significa a guerra na Ucrânia, abandonando a postura da solidariedade e reconhecendo que eles estão a travar uma guerra que "também é nossa".

Uma longa ilusão levou-nos a pensar que a paz na Europa permaneceria indefinidamente, desinteressando-nos pelos problemas da defesa e da segurança. E, dentro da UE, a Rússia tem aliados de muitas cores, que espalharão o pânico de que o armamento vai destruir o Estado social. É falso, mas poderá haver aspectos dolorosos. A questão é que as prioridades mudaram. O Estado social europeu e o modelo democrático europeu devem ser garantidos por todos os meios, inclusive os militares. Como escreveu o colunista Janan Ganesh no *Financial Times*, "a nossa missão agora é defender vidas europeias".

Jornalista

## O Estado social europeu deve ser garantido por todos os meios, inclusive os militares





## Rearmamento

# Europa mais do que duplicou gastos em defesa numa década

Destaque, 2 a 5